



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

WALBERTO DAMIÃO DA SILVA

RECEBI UM AUTISTA

**GUARABIRA
2019**

WALBERTO DAMIÃO DA SILVA

RECEBI UM AUTISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação /Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduando em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da educação e formação docente.

Orientadora: Professora Especialista Rônia Galdino da Costa.

GUARABIRA
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Walberto Damião da.
Recebi um autista [manuscrito] / Walberto Damiao da
Silva. - 2019.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Esp. Rônia Galdino da Costa. ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Professores. 2. Creche. 3. Transtorno do Espectro
Autista. I. Título
21. ed. CDD 371.9

WALBERTO DAMIÃO DA SILVA

RECEBI UM AUTISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação /Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduando em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da educação e formação docente.

Aprovada em: 13/11/2019

BANCA EXAMINADORA

Rônia Galdino da Costa
Profª. Esp. Rônia Galdino da Costa (Orientadora).
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Camila Matos Viana
Profª. Mestra Camila Matos Viana.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Cícero Pedroza da Silva
Profª. Mestre Cícero Pedroza da Silva.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Ao meu Pai GILBERTO PEDRO DA SILVA (**In Memoriam**), e a minha Mãe MARTA LINS DA SILVA, Dedico por todo aprendizado e confiança.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO _____	04
2.	ESTUDO DE CASO _____	09
3.	ANÁLISES DA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES EM ESTUDO__	13
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	16
	REFERÊNCIAS _____	20
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS _____	21
	AGRADECIMENTOS _____	22

RECEBI UM AUTISTA

Walberto Damião da Silva *

RESUMO

O TEA (transtorno do espectro do autismo) é um transtorno de desenvolvimento que afeta a interação social, conhecido popularmente como autismo é uma desordem neurológica que se caracteriza por movimentos repetitivos e estereotipados e problemas de comunicação social. Durante muito tempo o autista não era compreendido, e as crianças com o transtorno sofriam com a exclusão social. Ver o aluno autista como alguém que merece uma atenção especial, buscar formas para incluir este indivíduo na aprendizagem é um desafio constante para qualquer docente. O professor precisa estar atento para não apenas integrar esse aluno, mas realizar a inclusão deste através de metodologias que busquem estar indo de encontro à aprendizagem onde o autista sinta interesse em interagir e aprender. É preciso estar atento ao que o autista gosta de fazer e com isto planejar a aula de forma voltada ao que se quer transmitir de conhecimento, desta forma integrando todos os alunos, seja com jogos, filmes, brinquedos, entre outros. Os alunos com TEA não são iguais, cada um apresenta níveis diferentes de dificuldade de interação de acordo com o DSM-V (manual de diagnóstico e de transtornos mentais 5ª edição) variando entre: Nível 1 (leve) neste primeiro nível o autista precisa de pouco suporte, embora possa haver problemas na organização e planejamento que impeçam a sua independência; Nível 2 (moderado) as características são semelhantes com as do grau três sendo menos intenso em relação ao comprometimento da comunicação e déficit na linguagem, neste há a necessidade de suporte; e nível 3 (severo) sendo esse o mais comprometedor, pois neste se apresenta uma maior gravidade em relação a deficiência na fala, não consegue se comunicar, nesse grau de autismo o suporte é imprescindível, ainda apresenta dificuldades com mudança de rotina, e tendência ao isolamento quando não estimulado. Pretendeu-se identificar a percepção dos professores da Creche José Claudino de Araújo localizada no Sítio Mata velha, zona rural de Araruna-Paraíba, no recebimento de um aluno com TEA, e suas dificuldades no manejo com este aluno. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de campo qualitativa analítica. O estudo aplicou-se em professoras de um aluno com TEA da creche citada, e se deu através de questionário contendo 19 perguntas, que após os docentes responderem, realizou-se análise das suas respostas seguida de estudo bibliográfico com autores e especialistas da área, confrontando as opiniões sobre o comportamento do autista e o modo de agir destes professores. Para isso, fez-se diálogo com os autores MANTOAN (2003), CAVALCANTI (2007) e ROCHA (2007), DIEHL (2017), ROBISON (2007), entre outros, buscando fazer uma análise entre suas pesquisas e as respostas obtidas através dos questionários aplicados às professoras. Conclui-se que os objetivos almejados foram alcançados e as hipóteses levantadas, confirmadas. Espera-se que este estudo possa contribuir para futuras pesquisas nesta temática.

Palavras-chave: Professores. Creche. Transtorno do espectro autista.

* Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba.
walbertossb@gmail.com

ABSTRACT

I RECEIVED AN AUTISTIC

The ASD (Autism Spectrum Disorder) is a developmental disorder that affects social interaction, popularly known as autism is a neurological disorder that is characterized by repetitive and stereotyped movements and social communication problems. For a long time the autistic was not understood, and children with the disorder suffered from social exclusion. It is a constant challenge for any teacher to understand that the autistic student deserves special attention and also look for ways to include this student in learning. The teacher needs to be careful not only to integrate this student, but also to include this student through methodologies that seek to meet learning where the autistic student is interested in interacting and learning. It is necessary to be aware of what the autistic likes to do and based on it try to plan the class in a way that is intended to transmit knowledge, thus integrating all students, whether with games, movies, toys, among others. Students with ASD are not the same; each has different levels of DSM-V (Diagnosis and statistical Manual of mental disorders, fifth Edition) interaction difficulty ranging from Level 1 (medium) in this first level autism needs support, although there may be problems in organization and planning that impedes their independence; Level 2 (moderate) The characteristics are similar to those of level three, being less intense in relation to the impairment of communication and language deficit, there is the need for support; and level 3 (severe), which is the most compromising, because this is more severe in relation to speech deficiency, the individual cannot communicate, in this level of autism support is essential, when the person is not stimulated has difficulties with routine change and tendency to isolation. We intended to identify the perception of the teachers of the kindergarten called José Claudino de Araújo located in Sítio Mata Velha, rural area of Araruna-Paraíba, in the reception of a student with ASD and the difficulties in handling with this student. We used a qualitative analytical field research. We applied the research with teachers of a student with ASD from the kindergarten already mentioned, and we applied a questionnaire containing 19 questions, we analyzed the teacher's answers. Then we Studied authors' experts in autism and confronting the opinions about the autistic behavior and the way these teachers acted. We made a relationship with the ideas of the authors MANTOAN (2003), CAVALCANTI (2007) and ROCHA (2007), DIEHL (2017), ROBISON (2007), among others, seeking to make an analysis between their research and the answers obtained through of the questionnaires applied to the teachers. It can be concluded that the objectives were achieved and the hypotheses confirmed. We hope that this study can contribute to future research on this topic.

Keywords: Teachers. Kindergarten. Autism Spectrum Disorder.

1- INTRODUÇÃO

O TEA (Transtorno do Espectro do Autismo), popularmente conhecido como autismo, é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldade na interação social, prejuízo na comunicação, alterações comportamentais, entre outros sinais e sintomas.

O que causa o autismo ainda é desconhecido, embora alguns estudos apontem para fatores como:

Deficiência e anormalidade cognitiva de causa genética e hereditária, pois observou-se que alguns autistas apresentam cérebros maiores e mais pesados e que a conexão nervosa entre suas células era deficiente; Fatores ambientais, como o ambiente familiar, complicações durante a gravidez ou parto;

Alterações bioquímicas do organismo caracterizadas pelo excesso de serotonina no sangue;

Anormalidade cromossômica evidenciada pelo desaparecimento ou duplicação do cromossomo 16.

Além disso, existem estudos que apontam para algumas vacinas ou para a reposição em excesso de ácido fólico durante a gravidez, entretanto ainda não há conclusões definitivas sobre estas possibilidades, e mais pesquisas ainda precisam ser feitas para esclarecer esta questão. (ANTONIO, 2018).

A primeira definição de autismo como quadro clínico, surgiu em 1943 e foi resultado de uma observação feita em 11 crianças pelo médico Austríaco Leo Kanner, onde essas crianças tinham entre 02 e 08 anos; Kanner descreveu como “distúrbio autístico de contato afetivo”, a descrição de Kanner foi de grande importância para diferenciar o autismo de outros transtornos como a esquizofrenia e certas psicoses infantis. Mais tarde em 1944, outro médico Vienense de cidadania Austríaca, Hans Asperger desenvolveu estudos sobre um quadro clínico semelhante ao descrito por Kanner, este foi observado em crianças na faixa etária de 07 aos 11 anos. Embora houvesse similaridades o quadro observado por Asperger definiu o que atualmente conhecemos como síndrome de Asperger (este título refere-se ao seu nome), uma forma mais branda do TEA. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

O Transtorno do espectro do autismo também leva este nome justamente pelas diferentes situações que cada autista desenvolve, não há sintomas iguais nas pessoas com TEA, cada indivíduo apresenta um quadro clínico diferente. Por isso leva o nome de espectro, por apresentar situações diversas, desde o grau mais leve que pode até passar despercebido, passando pelo moderado e por último o grau severo que pode afetar o comportamento e a comunicação da criança.

Para fins de diagnóstico devem-se observar alguns fatores como a tendência a manter sempre uma mesma rotina, dificuldade na fala, ecolalia (repetição daquilo que se ouve), também em muitos casos fica demonstrado uma aparente surdez, isso se deve a momentos em que a criança não responde quando é questionada, mas essa hipótese logo em seguida é descartada. Geralmente o diagnóstico de autismo é feito por uma equipe multidisciplinar composta pelo psiquiatra, psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta e o terapeuta ocupacional, mas o laudo é feito pelo neurologista, e isso se dá através da observação da criança e constatação de sinais e sintomas previstos nos manuais diagnósticos (DSM-V) e CID-11.

De acordo com o DSM-V os sinais e sintomas do autismo são déficits persistentes na comunicação e na interação social, padrões restritos e repetitivos de

comportamento, atraso na fala, a criança não consegue estabelecer uma conversa normal e insiste numa mesma rotina.

Diferentemente do DSM-IV no DSM-V traz os seguintes tipos de autismo: Nível 01 (grau leve), em que o autista geralmente apresenta dificuldade para interações sociais. Nível 02 (grau médio), nesse nível há dificuldade em relação à interação social como também apresentam comportamentos repetitivos. Por fim o Nível 03 (grau severo), neste o TEA afeta severamente as relações sociais, apresenta dificuldade com mudanças de comportamento e na comunicação social.

No Brasil tivemos alguns avanços em relação a diagnósticos e ao tratamento para amenizar os transtornos causados, pois como se sabe o autismo não tem cura.

Alguns autistas com as terapias adequadas conseguem sair do espectro através da plasticidade cerebral. Esse termo usado por Norman Doidge, médico Canadense, trata de um estudo que afirma que o cérebro é capaz de transformar nosso modo de vida e nos fazer superar limites e deficiências, para assim viver melhor. Uns neurônios começam a fazer a função que seria de outro que não está sendo feita.

RIVIÈRO afirma que “O tratamento mais eficaz do autismo de que dispomos atualmente é a educação”, (2007, p.236), ou seja, diante de todos os avanços e conquistas alcançadas pelas pesquisas ao longo do século XX, a educação é uma forma eficiente, embora saibamos que o TEA dependendo do grau pode não ser tratado somente com terapias, há situações em que o autista tem que tomar medicação para evitar ou amenizar as crises.

Partindo do princípio que a educação é uma das formas de tratamento para o TEA, podemos afirmar que o professor tem um papel fundamental ao receber um aluno autista. Precisa estar atento ao planejamento de aula para este indivíduo e fazer um PEI (planejamento educacional individualizado), que é uma ferramenta para que o professor possa se organizar e ter um norteamento em relação ao seu agir pedagógico, para se construir esse planejamento é preciso seguir as seguintes etapas: Primeiramente conhecer o aluno e assim desenvolver o plano de acordo com as necessidades deste educando, em segundo lugar estabelecer metas e definir o que ensinar a médio e longo prazo, em terceiro vem à elaboração de um cronograma a partir das metas definidas anteriormente, e por último a avaliação onde se observará e analisará os registros e se o resultado alcançado é aquele que está nas metas almejadas.

Ainda se faz necessário ter uma atenção em relação ao tempo de aprendizagem, ao ritmo e também estar disposto a buscar incluir este aluno com os demais, atentando ao seu comportamento, pois como se sabe o aluno autista se desregula facilmente com a quebra de rotina. Então o professor deve desde o início ir fazendo com que este se adapte a sala de aula e aos poucos busque inserir novas rotinas, isso deve acontecer de forma gradativa, jamais forçada, pois pode acabar provocando uma crise.

Não podemos nos esquecer do contato familiar onde buscaremos informações relevantes sobre o aluno com TEA como, por exemplo: Sobre o que desregula, palavras da mãe: “As crises são causadas por mudança de rotina, lugares e pessoas diferentes. Às vezes um simples passeio torna-se um problema enorme pra ele. Porém ele gosta de brincar de futebol, carrinho de areia e celular (este último com menos frequência, porque dificilmente deixamos)”. Em relação a gostos alimentares: “A princípio ele gostava muito de tomate. Mas ultimamente o gosto dele está bem mais seletivo, tanto com comida quanto com outras coisas.” E

sobre reforçadores: “se ele quer bolas de sabão, primeiro ele vai ter que comer a comida. Ou se ele fez a ação que você pede, você pode elogiar, tipo PARABÉNS !!! VOCÊ CONSEGUIU.”

O processo de inclusão passa por um modelo de transformação que vai em busca de mecanismos que visem fazer com que a instituição escolar se torne acolhedora, e não apenas receba o aluno com deficiência por obrigação, mas que tanto o aluno quanto a escola tenham uma certa sintonia, de forma que ambos transmitam aos demais envolvidos o real sentido da inclusão que seria o aprendizado por parte do aluno especial, a interação e o diálogo, e por parte do professor e da escola a integração inclusiva, ou seja, que ao receber este indivíduo a instituição escolar esteja em contínua interação com os demais no processo de aprendizagem e transmissão de conhecimento de uns para com os outros. É preciso ir além e trazer inovações nos métodos de ensino.

Mantoan afirma que “Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças.” (MANTOAN, 2003. p. 14).

Deste modo, torna-se preciso que se compreenda a necessidade de romper velhos paradigmas educacionais, para que possamos absorver modelos mais revolucionários e eficientes, a fim de transformar a educação de forma que seja realmente inclusiva, não apenas no falar, mas no agir pedagógico. Uma das maneiras eficientes de se trabalhar as habilidades do aluno autista é através da pizza curricular, seguindo as áreas de aprendizagem que são: habilidades sociais, acadêmicas, do brincar, da linguagem, habilidades motoras e do autocuidado. Seguindo esse roteiro o docente deve estar sempre atento ao que deseja que o aluno com TEA precisa desenvolver nas habilidades sociais, acadêmicas, motoras e assim sucessivamente.

Atualmente tratar do processo de inclusão é algo constante. O que na realidade se torna notável é ver diariamente os meios de comunicação tratarem o tema inclusão de forma mais constante e com um aprofundamento nas mais diversas deficiências. De uma forma mais direta e contextualizada podemos analisar a seguinte afirmação:

Estou convicta de que todos nós, professores, sabemos que é preciso expulsar a exclusão de nossas escolas e mesmo de fora delas e que os desafios são necessários, a fim de que possamos avançar, progredir, evoluir em nossos empreendimentos. É fácil receber os “alunos que aprendem apesar da escola” e é mais fácil ainda encaminhar, para as classes e escolas especiais, os que têm dificuldades de aprendizagem e, sendo ou não deficientes, para os programas de reforço e aceleração. Por meio dessas válvulas de escape, continuamos a discriminar os alunos que não damos conta de ensinar. Estamos habituados a repassar nossos problemas para outros colegas, os “especializados” e, assim, não recaí sobre nossos ombros o peso de nossas limitações profissionais. (MANTOAN, 2003. p. 18).

A autora traz algo que nos é pertinente e não é diferente do que realmente acontece nos dias atuais. Embora tenhamos avançado bastante, o hábito de professores que tenta “se livrar” de alunos especiais é bem atual. A inclusão é muito mais que receber um aluno, abrange toda uma pluralidade educacional e garante através do espaço democrático que ninguém seja tratado com diferença por questão de cor, raça, religião, ou classe social.

Partindo do princípio de que a educação é algo que liberta e inclui as pessoas, e que de acordo com nossa constituição todos somos iguais fica o seguinte

questionamento: será que somos mesmo? Vamos adiante. Sabemos que avançamos muitos na questão de leis que promovem a inclusão e dão direitos a pessoas com deficiência tanto a educação quanto ao acesso multiprofissional na questão de diagnósticos e laudos, entretanto ainda é algo bem complicado ter acesso a esses profissionais, ao tratamento, entre outros fatores. As instituições de ensino precisam se adequar a realidade buscando eliminar as barreiras e adversidades para receber todos os alunos, sejam com deficiência ou não. O papel fundamental da educação deve ser o de acabar com preconceitos relacionados às diferenças e ser um elo nas relações entre pais, professores, gestores, coordenadores e toda equipe escolar, que trabalhando juntos estejam atentos aos mais diversos contextos e problemáticas que venha a surgir.

A LDB de 1996 não contemplava os direitos a pessoa com deficiência e foi somente em 2012 que começa a surgir leis que dão verdadeiramente o direito de pessoas com TEA a ter acesso a direitos que lhes assegurem o tratamento. Em 2015 a LBI (Lei Brasileira de Inclusão) que juntamente com a Lei Berenice Piana, dá início a um novo ciclo de ações que asseguram que as pessoas com deficiência, seja ela qual for, tenham uma maior atenção quanto as suas limitações físicas ou intelectuais.

Uma das conquistas recentes é a lei 13.146/2015 que institui a Lei Brasileira de inclusão da pessoa com deficiência, lei essa que traz muitos benefícios, entre os quais vale destacar, a prioridade no acesso aos diversos serviços, tais como atendimento na atenção básica a saúde, diagnósticos de determinadas doenças e o tratamento. Vale ainda destacar que esses indivíduos devem ter acesso a educação sem distinção e com tratamento específico de acordo com a dificuldade na aprendizagem.

“Art. 27. *Parágrafo único.* É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015. p.12).

Ainda tratando de legislação temos a Lei 12.764/2012 também conhecida como Lei Berenice Piana, lei esta que leva o nome de uma mãe de autista que lutou para conseguir o diagnóstico e o tratamento para seu filho, que embora ela tivesse percebido que aos dois anos havia algo diferente em relação aos outros filhos, foi somente aos seis anos de idade que os médicos deram o diagnóstico, uma demora enorme, pois o quanto antes, melhor é para tratar e amenizar os transtornos causados na criança e familiares de portadores do TEA. Com essa legislação, buscou-se criar meios para que os portadores do TEA fossem assistidos e conseguissem ter oportunidades de tratamento. A lei Berenice Piana instituiu a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista. Em seu teor a lei assegura que o portador do TEA tem entre outros direitos, os seguintes:

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

IV - o acesso:

a) à educação e ao ensino profissionalizante;

Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.

Art. 7º O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de

deficiência, será punido com multa de 03 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos.

§ 1º Em caso de reincidência, apurada por processo administrativo, assegurado o contraditório e a ampla defesa, haverá a perda do cargo. (BRASIL, 2012).

O professor tem um papel fundamental no processo de inclusão do aluno autista, pois é através dele que se dará início aos mecanismos de inserção de práticas educacionais voltadas para que este aluno possa desenvolver a aprendizagem de forma significativa e de acordo com seu tempo, uma vez que o processo de aprendizagem do aluno com TEA tem uma variação dependendo do grau da síndrome. É importante frisar que embora muitos cursos de formação de professores já tratem da temática, é preciso que o docente busque estar em formação contínua e se aprofundando acerca deste tema tão presente no cotidiano escolar do nosso País.

No contexto atual diante de leis e a real situação de muitas escolas, é necessário que as instituições de ensino regular e as especiais busquem estar em uma contínua comunicação e interação com os pais de alunos com TEA, assim como buscar o apoio de equipes multidisciplinares para que através da assistência possa se ter o acesso a um diagnóstico, e a partir daí iniciar as terapias e os tratamentos adequados de acordo com o grau de autismo, e com isso também o docente esteja atento quanto à busca do desenvolvimento de atividades adaptadas para o indivíduo com o TEA.

Problemas conceituais, desrespeito a preceitos constitucionais, interpretações tendenciosas de nossa legislação educacional e preconceitos distorcem o sentido da inclusão escolar, reduzindo-a unicamente à inserção de alunos com deficiência no ensino regular. Essas são, do meu ponto de vista, grandes barreiras a serem enfrentadas pelos que defendem a inclusão escolar, fazendo retroceder, por sua vez, as iniciativas que visam à adoção de posições inovadoras para a educação de alunos em geral. Estamos diante de avanços, mas de muitos impasses da legislação. (MANTOAN, 2003. p. 22).

É preciso bem mais que adotar medidas para receber e inserir um autista no ambiente escolar. Evitar a evasão escolar destes alunos deve ser também uma meta a se alcançar no agir pedagógico. Não é uma tarefa fácil manter um cronograma em relação à aplicação de conteúdos a ser desenvolvido com foco na aprendizagem quando temos um aluno especial (neste caso um autista), uma vez que uma de suas características é manter uma rotina estabelecida, onde uma alteração dela pode dar início a uma crise que dependendo do nível de autismo que este aluno se encontra, pode vir a desestruturar o sucesso de um plano de aula. Então, mais que paciência o profissional que estar em sala de aula deve ter um processo contínuo de atualização quanto as suas práticas e metodologias a serem trabalhadas e aplicadas na rotina de sala de aula quando se tem algum aluno com o TEA.

Nestes itens, podemos confirmar que a educação é uma das partes desta lei que vai de encontro ao processo de inclusão que se faz necessário para que o autista não seja apenas inserido, mas que o professor o receba e inclua nas atividades diárias, e com isso esse aluno obtenha um aprendizado satisfatório mesmo diante das dificuldades.

Objetivamos identificar a percepção dos professores da Creche José Claudino de Araújo no Sítio Mata Velha na zona rural de Araruna no estado da Paraíba, no recebimento de um aluno com TEA, e suas dificuldades no manejo com este aluno.

Para isso iremos dialogar sobre o TEA, sinais e tipos, apresentar os resultados das entrevistas com os professores desta creche que tenham ou tiveram aluno com TEA em sala de aula, analisar os dados coletados, promover uma discussão sobre os dados coletados dialogando com autores renomados na área do autismo, e por fim, avaliaremos também as dificuldades com alunos autistas.

O interesse pela pesquisa do tema surge no local que trabalho, há 02 anos e meio na creche citada anteriormente, onde convivo diariamente com uma criança com autismo, e tenho presenciado os inúmeros desafios para que os professores consigam trabalhar e realizar determinadas atividades com as crianças com TEA, haja visto que algumas crianças possuem um comportamento ativo, em outros instantes agem como se não ouvissem o que lhe é falado, e por vezes apresenta heteroagressividade com os coleguinhas. Tudo isso me trouxe questionamentos sobre o que pode ser feito pelo professor para melhorar o comportamento de um aluno com autismo.

Dentre as hipóteses levantadas estão as seguintes: o professor não está capacitado para trabalhar conteúdos com um aluno autista; o ambiente escolar não é adequado para receber um aluno com TEA; e não é fornecido ao professor informações que venham a ajudá-lo a planejar aulas evitando que o aluno autista se desregule e tenha uma crise.

O presente trabalho terá grande relevância para os professores da creche José Claudino de Araújo, pois através das repostas ao questionário poderemos em seguida fazer uma análise da maneira como esses docentes veem sua atuação e promover uma breve discussão entre esses dados e o que dizem autores da área do autismo. Esse trabalho irá contribuir de forma significativa para que os docentes busquem estar sempre se atualizando, estudando e pesquisando sobre como superar as dificuldades ao receber um aluno autista.

Ao longo deste trabalho iremos tratar no primeiro capítulo do TEA, histórico de como surgiu, Legislação, o papel do professor na inclusão do aluno autista. No segundo capítulo traremos os resultados do questionário aplicado aos professores. No terceiro iremos analisar os dados e dialogar com autores da área, e avaliar a percepção dos professores da creche em estudo acerca do recebimento de um aluno com TEA e suas dificuldades no manejo do aluno.

Por fim, pretendemos ao concluir este trabalho termos alcançado os nossos objetivos, e também termos obtido uma maior abrangência em relação ao conhecimento sobre a temática do autismo e a inclusão de alunos com TEA.

2- ESTUDO DE CASO

A creche José Claudino de Araújo está localizada na comunidade rural de Mata Velha, localizada no município de Araruna/PB, limita-se a norte com os sítios:

Estrada Grande e Bernardo, a sul com Baixio, a leste com Lagoa da Mata e Guaribas e a oeste com Limão e Camucá.

Em termos de serviços, a comunidade conta com escola, creche, igreja e a capela. O comércio é formado por mercearias e bares. Para comodidade dos moradores, contamos com rede elétrica, na área de lazer temos campo de futebol que atende a comunidade e a circunvizinhança. Atualmente também na comunidade vizinha já se dispõe de Farmácia e Posto de Combustível.

As principais atividades econômicas desenvolvidas pela comunidade local são a agricultura de subsistência e a pecuária, ainda se considera como fonte importante de renda, os benefícios sociais fornecidos pelo governo federal, Bolsa Família bem como funcionários públicos municipais, funcionários da construção civil, trabalhadores autônomos: pedreiros, sacoleiras, consultoras da Avon, Natura etc. agricultores aposentados e pensionistas do INSS.

Em consequência da seca que assola o município há anos, a agricultura de subsistência tornou-se quase inexistente na comunidade. As famílias mais necessitadas garantem sua sobrevivência por causa dos programas do governo federal, a exemplo da Bolsa Família.

A fundação da Creche Jose Claudino de Araújo é desconhecida, pois não se encontra documentos que comprove o ano da fundação nem seus decretos. O que se sabe apenas (através de populares) é que ela foi construída na segunda Gestão de Benjamim Maranhão e que antes funcionava onde hoje é o anexo da escola Joana Maria da Conceição.

De acordo com relatos de populares, Jose Claudino de Araújo foi um senhor influente na comunidade de Mata Velha. Populares contam que ele (Jose Claudino de Araújo) era casado com dona Joana Maria da Conceição.

Atualmente a creche conta com 05 professoras, 03 monitoras, na equipe de apoio que inclui Auxiliares de serviços gerais e cozinheira são 04 pessoas, sendo apenas as 02 cozinheiras contratados, os demais todos concursados. Então, incluindo a diretora a escola conta com 13 pessoas no seu quadro de funcionários. Destas 05 professoras, 02 foram escolhidas para responder o questionário sobre qual percepção tiveram ao receber um aluno autista. Essas foram justamente as do horário da manhã, pois são as que receberam o aluno com TEA, sendo que uma delas já foi professora deste aluno, que no caso quando o recebeu na escola ainda não tinha nenhum diagnóstico, somente após observação desta professora e conversas com os pais é que foi iniciado o processo de observações e diagnósticos. A outra professora quando o recebeu já havia um trabalho todo feito para o tratamento e acompanhamento com profissionais da saúde que prestam atendimento a família e ao aluno com TEA. Atualmente a criança tem 04 anos e 11 meses.

Geralmente este aluno só fica na creche pela manhã, até por volta de meio dia, pois a mãe percebe que a partir deste horário ele começa a ficar mais estressado, com tendência a crises de choro e violência caso não tenha chegado para buscá-lo.

Foi a partir do convívio diário com esta criança da creche citada que surgiram questionamentos em relação à percepção dos professores após o recebimento deste aluno autista. Partindo deste ponto elaboramos o questionário para que através das informações colhidas tenhamos uma noção se essas professoras estão aptas para receber um aluno com a síndrome do TEA e se estão capacitadas para não apenas receber e integrá-lo a turma, mas que possam auxiliá-lo a desenvolver as atividades, a fim de aprender significativamente, mesmo que num tempo

diferente, se for o caso. Esta criança não pode ter seus direitos negados e muito menos ser excluída no ambiente de sala de aula. Cabe ao docente buscar mecanismos que possibilitem ao autista a inclusão, preparando o espaço de aprendizagem para recebê-lo, para que se sinta chamado a participar das atividades e brincadeiras interagindo com seus coleguinhas.

Então, para tentarmos obter esclarecimentos acerca do recebimento deste aluno e a percepção das docentes outrora citadas, elaboramos o seguinte questionário, contendo 19 perguntas:

Você sabe o que é o TEA? Você tem ou já teve algum aluno com TEA? Se sim, o que pensou ao saber, e como reagiu ao receber? Qual a maior dificuldade em lidar com o aluno com TEA? Como você desenvolvia o plano de aula para o aluno com TEA? Você foi treinado para trabalhar com autistas? Como você viu o fato de ter vindo para você um aluno com autismo? O que você espera do seu aluno com TEA? Como você acha que seu aluno se sente ou se sentiu com você? O que você acha que aprendeu com esta experiência? Quantos alunos você tem na sala de aula? Você se acha capacitado(a) para a prática com um aluno autista? Você foi comunicado que receberia um aluno com diferentes necessidades como esse aluno com TEA? Você teve acesso ao laudo e informações sobre o seu aluno com TEA? Você teve um contato inicial com a família do aluno com TEA? O que mudou em você após a experiência com um aluno com TEA? De 0 a 10, qual a nota que você se atribui a respeito da afetividade que você desenvolveu pelo aluno com TEA? De 0 a 10, qual a nota que você se daria para o nível de cuidado com a inclusão do aluno? O nível de cuidado que você teve durante a sua lida com ele. Você conhece a Lei Berenice Piana?

A seguir as respostas das duas professoras, sendo que a professora (A) já foi professora do aluno e isso aconteceu sem que ela soubesse que este era autista. Foi a partir desta professora e conversas com a mãe do referido aluno que aos poucos foi se observando e também buscando apoio de médico especialista na área, iniciando o tratamento. Mas esta primeira professora o recebeu sem que soubesse qual a problemática e o porquê do comportamento do aluno.

A Professora (B) já tinha um diagnóstico e sabia que iria receber um aluno autista. Desta maneira, já teria um olhar diferenciado e atento para essa criança, pois diferentemente da outra que a antecedeu, poderia planejar melhor suas aulas e de alguma forma buscar meios de lidar com situações em casos de crises. Vejamos abaixo o que as referidas professoras responderam.

Professora (A): Em relação à primeira questão afirma que Sim, sabe o que é o transtorno do espectro autista. Quando perguntada se tem ou já teve um aluno autista ela diz: “Sim, já tive.” Em relação a sua reação afirma: “Fiquei preocupada, pois não sabia o que fazer ou como falar com a criança.” Sobre dificuldades, afirma que a maior dificuldade foi envolver o aluno nas atividades. Quando questionada se tinha plano de aula individual, afirma que não tinha plano de aula adequado para esse aluno. Se recebeu algum treinamento para trabalhar com aluno autista, a resposta é não. Sobre seu ponto de vista em relação a receber um aluno autista, afirmou: “o aluno veio como um aluno sem essa deficiência, pois os pais não sabiam que a criança era autista descobrimos juntos.” Sobre o que espera deste aluno, ela respondeu que esperava que ele se desenvolvesse como os outros alunos. O que acha que ele sentia: “Sentia-se bem, gostava de estar perto de mim.” Em relação ao

aprendizado pessoal, a professora afirma que aprendeu a ser mais paciente. Quantos alunos têm em sala de aula: 23 alunos, sendo que o aluno autista não está mais em sua sala, mas sim em outra. Ao ser questionada sobre se considera ser capacitada para a prática com um aluno autista, respondeu não ser capacitada. “Foi uma experiência muito difícil.” Frisou ela. Perguntada se foi informada que iria receber um aluno com autismo, a resposta é negativa, até porque como foi falado ainda não se sabia que a criança era autista só foi dado um diagnóstico mais adiante. Sobre o acesso ao laudo, afirma que não teve, justamente porque o aluno não havia sido diagnosticado quando o recebeu. Em relação ao contato anterior com a família, afirma que sim. Sobre o que aprendeu, afirma que aprendeu a dar mais atenção aos alunos e sempre estar em contato com a família. Sobre suas autoavaliações, traz as seguintes conclusões: “Nota 8,0. Fiz o que pude, mas foi uma experiência muito difícil.” E por último, se conhece a lei Berenice Piana, disse conhecer um pouco. Respostas da primeira professora do aluno autista. Atualmente ela continua na creche, só que o aluno está em outra sala e com outra professora, a qual vai responder este mesmo questionário a seguir.

Professora (B), a atual professora do aluno autista. Suas respectivas respostas; sobre o TEA ela afirma: “É um transtorno de desenvolvimento mental, que aparece logo nos primeiros anos de vida e que compromete tanto a interação social da criança como sua comunicação.” Se tem aluno autista em sua sala afirma: “Sim, tenho um aluno na sala de aula;” a sua reação ao receber: é como conseguir encontrar estratégia que o faça permanecer na sala e fazer alguma atividade, pois ele resiste a qualquer estratégia que possa permitir a realização de atividade em sala de aula; A maior dificuldade segundo ela é estabelecer uma boa relação entre o aluno e professor, identificar sua deficiência, ter expectativas e lutar para sempre elevar o rendimento do aluno.

A questão sobre desenvolver um plano de aula para o aluno com TEA ficou sem resposta da professora. Sobre o treinamento para trabalhar com um aluno autista, afirma que não teve. E como ver o fato de ter recebido um autista a professora é enfática e afirma: “Fiquei transtornada, mas aos poucos fui me adaptando e aprendendo a gostar, só sei que não existe receita para ensinar crianças com esse problema, apenas temos que estudar muito e pesquisar sobre o assunto.” A respeito do que espera deste aluno não foi respondida; sobre o que esse aluno sente ou sentiu a professora afirma: “Eu acho que meu aluno se sente seguro e confiante.” Sobre seu aprendizado com esta experiência, sua resposta é a seguinte: “Aprendi muito.” A professora tem 12 alunos na sua sala. Sobre se achar capacitada para a prática com aluno autista afirmou não se achar capacitada e ter pouca prática. Em relação à comunicação que receberia um aluno autista, confirmou ter sido informada sim. Sobre acesso ao laudo disse que tem acesso e que sua mãe comunica tudo que acontece. Em relação ao contato inicial com a família, afirmou que teve sim esse contato.

O que mudou em você após a experiência com um aluno com TEA? Sem resposta da professora. Nota em relação à afetividade com o aluno: 9 (Nove). Sua nota para nível de cuidado durante sua lida com ele: 8 (Oito). Sobre conhecimento a Lei Berenice Piana afirmou não conhecer, mas pesquisou sobre essa Lei quando recebeu este questionário. Esta professora atualmente é quem está com o aluno em sala de aula. Diferentemente da outra, essa ao chegar já soube que teria aluno autista e sempre conversa com a mãe da criança.

Podemos perceber que há de alguma forma um pensamento que de início torna o trabalho do docente ainda mais dificultoso, pois o mesmo se acha incapaz de ensinar um aluno autista. Nas falas de ambas as professoras é notável que fica o medo de como atuar e o agir pedagógico diante de uma situação “nova”. Diante disso é preciso trabalhar o psicológico não apenas da família e do aluno com TEA, mas que seja dada uma atenção a esses professores, entretanto isto é outra questão que deve ser analisada em outro aspecto. Voltando ao foco do trabalho, no contexto de observar a atuação dos nossos professores, há uma enorme falha talvez no que se refere ao processo de formação continuada e ações a serem tomadas por professores a partir do recebimento deste aluno, passando pelo desenvolvimento de atividades, o planejamento educacional individualizado (PEI) e outras metodologias a serem aplicadas diariamente para obtenção de resultados significativos no desenvolvimento cognitivo do autista em sala de aula.

Os professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças nas salas de aula, especialmente atender os alunos com deficiência, pois seus colegas especializados sempre se distinguiram por realizar unicamente esse atendimento e exageraram essa capacidade de fazê-lo aos olhos de todos. (MANTOAN, 2003. p.14, **Apud** Mittler, 2000).

Daremos continuidade às análises do questionário, como também interagindo com os estudos de autores da área em estudo.

3. ANÁLISES DA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES EM ESTUDO

De acordo com as respostas, podemos observar que de alguma forma as professoras não se sentem seguras para atuar com um aluno com TEA, é uma situação nova, embora saibamos que durante a formação temos a noção de que não podemos rejeitar nenhum aluno, independente se tem alguma deficiência ou transtorno. A instituição escolar não pode de maneira alguma se negar ao recebimento desta criança.

É necessário buscar se atualizar e estar em constante formação, tanto nas metodologias de ensino quanto no olhar mais atento as diversas realidades que se vai encontrar, mesmo a teoria sendo totalmente diferente da prática, pois o docente precisa a cada dia superar as adversidades que venham a surgir.

Como podemos perceber nas entrelinhas das respostas das duas professoras, a que recebeu o aluno autista não sabia do transtorno e foi percebendo e conversando com a mãe a respeito do comportamento, da dificuldade de comunicação e o entendimento da criança que por muitas vezes parecia não ouvir quando era chamado, ou não respondia quando questionada. Não é apenas identificar uma ou duas características, vai além do olhar, é preciso sentir as ações e reações, investigar as possíveis causas, conversar com a família, estar atento às maneiras como a criança brinca e se participa ou não da rotina de sala de aula. Ou seja, faz-se necessário que ao observar algumas características que possam ir de encontro ao diagnóstico de autismo, que o professor tenha o contato com os pais, e estes busquem o apoio específico de profissionais da saúde que trabalham com a área do autismo, e a partir daí dar início a algumas intervenções, como as terapias

que amenizam os transtornos que o TEA pode causar. Muito mais que apenas apresentar o diagnóstico, os profissionais da educação e saúde devem estar trabalhando juntos, onde um informe ao outro os resultados obtidos, avaliações quanto às metodologias utilizadas, entre outras medidas que se deve observar.

Ainda enfatizando as respostas obtidas, podemos perceber que ambas as professoras encontravam como maior dificuldade conseguir fazer com que o aluno com TEA fizesse as atividades, pois é muito difícil e como as mesmas afirmaram não se acham capacitadas para a prática docente com um aluno autista.

Vale lembrar que nas respostas ao questionário a professora B não respondeu se desenvolvia um plano de aula individual (PEI), sendo que esta é a que atualmente está com o aluno com TEA, já a professora A afirma que não tinha um plano adequado até porque quando recebeu este aluno ainda não tinha nenhum diagnóstico. Somente depois de observar o comportamento e atitudes da criança que se foi dando início ao diagnóstico e o respectivo tratamento.

É de grande importância que o docente tenha um planejamento e o PEI (Planejamento Educacional Individualizado), se trata de uma das formas mais eficientes em relação a atender para o aprendizado da criança. Esse é um método que tem como foco principal a criança e suas dificuldades de aprendizagem, e por se tratar de um autista, é sabido que crianças com o TEA tem um grau de dificuldade na aprendizagem em alguns casos, pois em certos casos o autista tem um grau de inteligência acima da média, e isso ao elaborar o plano de aula precisa ser levado em conta, pois essa criança em determinados casos apresenta dificuldade pelo fato de a professora não ter atentado que o autista necessita de pistas visuais, o aprendizado do autista passa muito pela questão visual e por isso não consegue acompanhar os demais alunos de sua sala de aula.

O planejamento educacional individualizado (PEI) é uma ferramenta pedagógica que deve ser utilizada por professores que tenham alunos com necessidade educacionais seja qual for, no caso tratando do autismo, o professor deve de início observar o que esse aluno sabe fazer, suas dificuldades, e ao modo como este educando aprende melhor, ou seja, deve reforçar algo que provoque o interesse. Utilizando o método da pizza curricular, o professor irá através das habilidades desenvolvidas por este aluno, dar início à elaboração deste plano reforçando o que necessita ser reforçado nas habilidades sociais, acadêmicas, motoras, dentre outras.

Por outro lado, a instituição escolar também deve estar envolvida na elaboração do planejamento especializado individual, e desta forma articular meios para que o aluno autista seja inserido no ambiente educacional e a inclusão algo que aconteça espontaneamente e eficazmente, e não já transformando esse indivíduo em alguém "diferente". É preciso que escola, professores e família estejam em sintonia, não apenas na inserção de alunos com transtornos de desenvolvimento, mas as etapas seguintes deste processo.

Não existe lugar perfeito e não é missão da escola educar no lugar dos pais. É um trabalho feito em conjunto entre escola e família e é construído dia após dia. Se o nosso filho autista não tiver alguém atento lutando pelo seu desenvolvimento e efetiva inclusão, temos o risco de ter uma criança perdida, com medo e passeando pelos corredores da escola sem sentir o prazer de viver. (DIEHL, 2017. p. 66).

Como foi dito anteriormente, é preciso atuar em conjunto com a instituição familiar, a escola e os profissionais de saúde, para que o aluno com TEA possa ter um diagnóstico precoce; e com isso também tenha acesso às terapias de tratamento, que consiga frequentar o ambiente escolar. Pois, de acordo com a Lei Brasileira de Inclusão e a Lei Berenice Piana estão assegurados o direito à educação inclusiva entre outras ações. A necessidade em aprimorar os mecanismos que fornecem meios de inclusão ainda é falha, mas apesar disso o que existe atualmente em relação ao tratamento é algo de grande relevância. Se estudarmos e pesquisarmos sobre como chegamos ao que temos hoje tanto em legislação quanto as formas de tratamento, iremos perceber que avançamos significativamente.

Metodologias de ensino para alunos diagnosticados com TEA existem, mas é necessário ir ao encontro dessas práticas que contribuem de forma proveitosa, e com um aprofundamento no foco da aprendizagem. Para que a educação inclusiva se torne uma realidade com ações verdadeiramente pensadas em alunos com transtornos do espectro do autismo é preciso desenvolver mecanismos de acordo com a dinâmica que o docente encontrará em sala de aula. Pensar que é possível ir para sala de aula com um planejamento específico que irá funcionar com todos os alunos é algo que atualmente se torna complicado, pois a realidade é complexa. São diversas situações que o docente irá encontrar, desde aquele aluno mais estudioso, até aquele que não apresenta interesse em estudar.

E assim como a professora (A) observou e a partir daí conversou com os pais da criança, precisamos ir além e ter na nossa práxis, no nosso agir como futuros professores uma ação reflexiva, onde busquemos refletir a nossa ação quando formos postos à prova diante de situações em que é preciso pensar e agir rápido de uma forma convicta e fundamentada em princípios éticos. É fato que quando pais levam seus filhos com TEA para o ambiente escolar, estes pais já vão desde o momento inicial preocupados com o preconceito, e esse preconceito parte dos pais de outros alunos, dos coleguinhas e muitas vezes até mesmo de professores. MANTOAN afirma: “Há também um movimento de pais de alunos sem deficiências, que não admitem a inclusão, por acharem que as escolas vão baixar e/ou piorar ainda mais a qualidade de ensino se tiverem de receber esses novos alunos”. (2003, p.15).

Então é necessário que haja todo um planejamento trabalhando o autismo de forma que não traga constrangimentos, mas que todos possam estar juntos no processo de integração e inclusão do aluno com TEA.

Geralmente a professora costuma inseri-lo por meio de atividades com os demais, de início até que consegue, mas em seguida o aluno autista começa a correr na sala, corredor, é difícil voltar. Há dia em que a criança com TEA está mais calma, mas também há dias que se torna um desafio para que a professora consiga obter algum resultado significativo com este aluno. Em conversa com a Mãe deste educando, ela comentava que para dormir algumas vezes é muito difícil e ao acordar pela manhã também, a criança é muito birrenta. Todos os dias esse aluno com autismo ao chegar à creche é muito carinhoso, fala com todos, cumprimenta quem chega, mas são apenas momentos.

Certo dia em conversa com algumas professoras elas comentavam: “será que essa história de olhar no olho funciona?”.

De acordo com pesquisas e observações é verdade essa afirmação, e podemos afirmar que: “Os autistas têm características que, por mais diferentes que sejam um do outro, existem coisas em comum entre eles, como a sensibilidade sensorial, que varia de forma e intensidade, mas de maneira geral está presente na

vida deles.” (DIEHL, 2017, p.50). Ao longo da sua narrativa a autora fala sobre como é conviver com uma pessoa com TEA, no caso seu filho, e diz que, olhar nos olhos é algo tão direto que enxergamos com o coração, um olhar verdadeiro, com amor. (DIEHL, 2017).

Outro fato que merece atenção e destaque nesta análise é as professoras afirmarem conhecer pouco a lei Berenice Piana ou apenas ter pesquisado algo. Diante disso podemos tirar a seguinte conclusão: A lei existe, mas seu conhecimento por aqueles que deviam por em prática é falho, pois não se aprofundaram, ou desconhecem seu teor.

É de enorme importância que aconteça uma formação contínua e que ao longo dela se aborde esses aspectos sobre legislação e como agir diante de suas normas, e desta forma ser instrumento de um processo de inclusão justo e verdadeiro, em que tiremos do papel essa e outras leis que foram criadas para melhorar a aprendizagem de alunos com transtornos como o TEA e outros.

A aplicação de metodologias adequadas de acordo com o grau de Autismo é de suma relevância para que o conhecimento seja acessível a todos, independente de qualquer situação onde o aluno já é de alguma forma prejudicado, por não acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem dos demais. Sendo assim, o docente deve estar sempre inovando e traçando metas e objetivos a serem alcançadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado é de grande importância a partir do momento em que nos questionamos quanto futuros professores em relação ao como iremos receber um aluno com TEA e, além disso, como nos comportaremos enquanto autoridades em sala de aula, e mais que isso, responsáveis pelo aprendizado dos alunos que recebemos. Devemos ter a noção clara de que a atualidade exige do professor uma postura flexível no sentido de rever conceitos, métodos de ensino e comportamentos diante da variedade de transtornos que vai se encontrar em sala de aula.

Ter um aluno autista em uma turma onde os demais são tidos como “normais”, não é uma tarefa das mais fáceis; devemos ter em mente o seguinte pensamento, cada um de nós somos diferentes, nenhum aluno é igual ao outro, e assim traçarmos meios de ensinar de acordo com o tempo de aprendizagem de cada aluno, mas claro que observando os fatores que ajudam e aqueles que atrapalham o modo de ensinar e a forma que o aluno com TEA aprende.

Ser professor e saber recepcionar aqueles alunos “especiais” é muito mais que uma profissão, é um gesto de amor e carinho. O posicionamento do docente em situações difíceis é o que faz com que a cada dia esse profissional veja na educação uma das formas mais eficientes no processo de inclusão de pessoas, desde a educação infantil. Mais que receber, é preciso atentar aos detalhes demonstrados por estas crianças desde os gestos mais simples até aqueles mais complexos. Ao longo de sua trajetória após a graduação o professor vai sendo de alguma forma “lapidado”, ou seja, a cada ação faz-se necessário uma reflexão em cima da nossa ação. A formação continuada passa por todo esse processo de interação com o meio, sendo assim, todas as nossas ações contribuem para que busquemos a cada dia, a cada transformação e a cada evolução manter a essência do ato de ensinar, mas aprendendo e aperfeiçoando nossa prática a cada dia.

O que trazemos ao longo deste estudo é um olhar focado na recepção do autista, numa realidade que embora tenha avançado bastante na questão de diagnóstico e atenção básica, ainda é cheia de falhas. Temos leis que permitem a estes indivíduos ir em busca de direitos que lhes são resguardados, e não apenas isso, essas leis são frutos de lutas e batalhas travadas em meio as dificuldades que se tinha em um determinado período da nossa história, onde o autista era visto como alguém “estranho”. Ainda há muito preconceito e falta de atenção nos ambientes escolares, principalmente no que se refere a um melhor atendimento de multiprofissionais que acompanham até que haja um diagnóstico sobre um aluno com autismo.

Ao longo deste estudo podemos aprofundar nossos conhecimentos acerca da formação de professores, onde percebemos que há falhas na capacitação e aptidão destes em relação ao recebimento de alunos com transtornos como o TEA. Ao longo da história fica claro que embora tenhamos feito grandes descobertas sobre o autismo, ainda não há uma linha de raciocínio que possa afirmar com certeza como e de onde surgiu o TEA, ou seja, a causa ainda não foi definida.

Acreditamos que o nosso objetivo geral foi alcançado, pois podemos observar e perceber que os docentes tem uma percepção de insegurança em relação ao modo como receber e agir com o aluno com TEA e também ficou claro a dificuldade em fazer com que este aluno consiga desenvolver suas tarefas, desta forma acreditamos ter alcançado aquilo que objetivamos no início deste trabalho.

Assim como o nosso objetivo, as nossas hipóteses também se confirmaram no sentido de as professoras não se acharem capacitadas, como também o ambiente escolar não está adequado quanto à questão do recebimento do aluno autista. Já a outra hipótese que trata da não transmissão de informações aos professores no sentido de evitar que o aluno se desregule, deve ser abandonada, pois de acordo com as respostas obtidas no nosso questionário as docentes tem acesso sim a informações e o contato com a família, algo que é de grande relevância no tratamento do TEA.

A metodologia utilizada também conseguiu suprir as demandas no que se refere ao alcance dos objetivos, como também no sentido de confirmar as hipóteses, embora na aplicação do questionário tenhamos percebido que uma das professoras, no caso a professora B, tenha deixado algumas questões sem resposta. Talvez o fato de ter deixado em branco seja base para uma melhor elaboração da questão, ou investigação num trabalho posterior sobre a motivação de ter acontecido este fato. Entre as questões que ficaram sem respostas estão: Como desenvolvia o plano de aula para o aluno com TEA? O que espera do aluno com TEA? E o que mudou em você após a experiência com um aluno com TEA? Todas de grande relevância, mas uma delas nos chama mais a atenção, que trata sobre a elaboração do plano de aula, pois se tratando de um transtorno que alguns casos pela falta de metodologias eficientes faz com que o aluno autista não consiga aprender, justamente pela desatenção do docente.

Podemos afirmar que a metodologia contribui imensamente para a obtenção de resultados satisfatórios a nossa pesquisa, desde o questionário até as nossas referências bibliográficas, forneceram um suporte teórico que contribuiu para nosso aprendizado e pensamento crítico quanto pedagogos no final do processo de formação dentro da universidade, pois como sabemos a formação deve ser contínua.

Diante de tudo que já foi contextualizado fica a certeza de que embora tenhamos alcançado alguns resultados positivos, ainda é necessário buscar ir além aos estudos na área da abordagem do TEA. Há muito a ser feito apesar de leis garantirem o acompanhamento no diagnóstico e tratamento do autismo. A Lei Berenice Piana e a Lei Brasileira de Inclusão são marcos legais que garantem um tratamento especial e apoio, para que desde cedo as famílias estejam atentas e busquem o suporte multiprofissional para o acompanhamento dos transtornos e suas respectivas terapias.

Este tema deve ser algo que a cada planejamento entre professores, precisa ser abordado entre aqueles que desenvolvem a educação, seja em estados ou municípios. O que deve ser elaborado são justamente práticas pedagógicas que visem incluir o TEA como uma problemática constante, no sentido de que ao receber um autista em uma sala de aula regular geralmente os professores se sentem assustados, por falta de experiência anterior, e mesmo que seja trabalhado na teoria, sabemos que a prática é totalmente diferente. Sendo assim, o bom seria promover encontros entre docentes que já passaram por essas situações, para que através deste diálogo juntos possam elaborar propostas de trabalho que busquem amenizar o impacto da falta de capacitação no sentido de receber e incluir o aluno com TEA.

Entre os autores pesquisados sobre o autismo MANTÓAN (2003) trata do tema de uma forma especial, observando as dificuldades da escola em receber alunos com TEA, como também a questão dos professores que não se acham capacitados para essa situação, ainda vem à tona em seu trabalho a questão de pais que não aceitam seus filhos estarem na mesma sala que um autista, entre outros questionamentos que trata seu livro *Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* A autora traz elementos fundamentais a ser trabalhado na inclusão de alunos que devem ter uma atenção especial.

Embora a inclusão seja uma prática recente e ainda incipiente nas nossas escolas, para que possamos entendê-la com maior rigor e precisão, considero-a suficiente para questionar que ética ilumina as nossas ações na direção de uma escola para todos. (MANTÓAN, 2003. p.19).

Concluimos ao final do presente trabalho que embora haja dificuldades no recebimento de um aluno com TEA, neste caso específico, há um carinho especial para com este indivíduo e que esse carinho cumpre o papel de buscar amenizar os momentos em que o aluno se desregula. Também é perceptível que ainda há um desconhecimento sobre a legislação, assim como a elaboração do plano educacional individualizado, onde deve se trazer neste, os objetivos traçados e as metas que se pretende alcançar, o PEI também serve como auxílio para o professor, pois nele o docente pode ter anotações sobre o desenvolvimento da aprendizagem, o que motiva este aluno e o que lhe desregula. Ao longo da elaboração e dos estudos também fica algo marcante em relação ao tema, que é justamente o olhar pedagógico que a prática pedagógica deve abordar desde a formação dos professores até o acompanhamento destes em sala de aula e nos encontros de pais e mestres, onde pode haver discussões no sentido de fortalecer o contato entre todos envolvidos no processo de inclusão.

Mais que apenas elaborar planos de aula e aplicá-los, o profissional da educação que atua cotidianamente em sala de aula precisa promover todos os dias, através de sua atuação, um ambiente escolar que proporcione a coletividade e fraternidade entre todos sem distinção. Pais, colegas de classe, gestores,

funcionários e comunidade no geral devem trabalhar juntos com a instituição escolar no sentido de propagar o conhecimento de transtornos como o TEA, de forma que haja um entendimento em relação aos mais diversos casos e a diversidade de sintomas dependendo do grau de autismo que cada um desenvolve.

Muito mais que conhecer, devemos entender e nos colocarmos no lugar do outro sabendo que independente de cor, classe social, religião ou o que quer que seja, de acordo com a constituição somos todos iguais perante a lei, mas valendo-se de algumas outras leis como a Berenice Piana, precisamos entender que pessoas com TEA tem sim leis que lhe asseguram em alguns momentos um tratamento diferenciado, justamente pelas condições e prerrogativas que o transtorno do espectro do autismo provoca.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, Rosa Maria Rodriguez. **Entenda o que é autismo e como identificar.** 2018. Disponível em: <http://www.tuasaude.com/autismo-infantil/>. Acesso em 17 set. 2019.
- BRASIL. **Diretrizes de atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA).** Coleção institucional. 1ª Ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 7 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Câmara dos Deputados:** Série legislação nº 200. Brasília: Edições Câmara, 2015.
- CAVALCANTI, Ana Elisabeth. ROCHA, Paulina Schmidtbauer. **Autismo: Construções e desconstruções:** Coleção clínica psicanalítica. 3ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- COLL, César. et al. **Desenvolvimento psicológico e educação:** Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais, v. 3. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DIEHL, Kenya. **Olhando nos olhos:** Autismo - Me ame como sou. Porto Alegre: Simplísimos Livros, 2017. *E-Book*.
- DINIZ, Ana Maria. **Plasticidade cerebral: um conceito que pais, alunos e professores deveriam conhecer.** 2016. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/ana-maria-diniz/plasticidade-cerebral-um-conceito-que-pais-alunos-e-professores-deveriam-conhecer/>. Acesso em 17 set. 2019.
- INGAGE, Rodolfo. **Conheça 4 tipos de autismos e sua características.** 2019. Disponível em: <https://www.psicologiaviva.com.br/blog/tipos-de-autismo/>. Acesso em 19 Set. 2019.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** Coleção cotidiano escolar. 1ª Ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- NASCIMENTO, Maria Inês Corrêa. et al. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:** DSM-5. American Psychiatric Association. 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ROBISON, John Elder. **Olhe nos meus olhos:** Minha vida com a síndrome de Asperger. 1ª Ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA PROFESSORES DA CRECHE MUNICIPAL JOSÉ CLAUDINO DE ARAÚJO

- 1- Você sabe o que é o TEA?
- 2- Você tem ou já teve algum aluno com TEA?
- 3- Se sim, o que pensou ao saber, e como reagiu ao receber?
- 4- Qual a maior dificuldade em lidar com o aluno com TEA?
- 5- Como você desenvolvia o plano de aula para o aluno com TEA?
- 6- Você foi treinado para trabalhar com autistas?
- 7- Como você vê o fato de ter vindo para você um aluno com autismo?
- 8- O que você espera do seu aluno com TEA?
- 9- Como você acha que seu aluno se sente ou se sentiu com você?
- 10- O que você acha que aprendeu com esta experiência?
- 11- Quantos alunos você tem na sala de aula?
- 12- Você se acha capacitado ou capacitada para a prática com um aluno autista?
- 13- Você foi comunicado que receberia um aluno com diferentes necessidades como esse aluno com TEA?
- 14- Você teve acesso ao laudo e informações sobre o seu aluno com TEA?
- 15- Você teve um contato inicial com a família do aluno com TEA?
- 16 - O que mudou em você após a experiência com um aluno com TEA?
- 17 - De 0 a 10, qual a nota que você se atribui a respeito da afetividade que você desenvolveu pelo aluno com TEA?
- 18 - De 0 a 10, qual a nota que você se daria para o nível de cuidado com a inclusão do aluno? O nível de cuidado que você teve durante a sua lida com ele.
- 19- Você conhece a Lei Berenice Piana?

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Deus, a minha Mãe MARTA e meu Pai GILBERTO (*In Memoriam*), meu irmão Roberto e minha irmã Katarina pelo apoio incondicional, estes que sempre estiveram juntos dando forças desde o início.

Não esquecer também a que hoje é minha esposa, que quando iniciei o curso era minha namorada, Damiana, pelo apoio de sempre e pela ajuda na rotina diária. Lembrando a que foi minha professora, amiga e hoje é minha super orientadora, Professora Rônia.

Também cabe agradecer a turma que me acolheu e juntos superamos as dificuldades que surgiram ao longo destes 05 anos de universidade, e de forma especial aquelas sempre presentes nas atividades de classe e extraclasse, são elas Maria José, Maria do Livramento e Letícia, que me ajudavam e puxavam a orelha quando necessitava. Também cabe aqui enaltecer as demais colegas de turma que de alguma forma contribuíram para minha formação, entre as quais estão Jaciele, Maria Da luz, Sanielly, Francielly, Gilvaneide e a todos da turma.

Cabe ainda o meu agradecimento aos professores que foram muitos ao longo de todo curso, verdadeiros exemplos de profissionais, de vida, pois ficam perceptíveis àqueles docentes que marcam e nos deixam ótimas lembranças para a vida universitária e também para nossa prática quanto futuros pedagogos. Foram eles: Minha orientadora Professora Rônia que além de uma excelente profissional em sala de aula é uma super profissional em sua área de atuação, em quem me inspiro e vejo nela um exemplo de guerreira, e aos demais professores: Marcelo Saturnino, Wallene, Raissa Coutinho, Márcia Gomes, Estevam Dedalus, Elivelton, Aline de Fátima, David soares, Rita Rocha, Rita de Cassia Cavalcante, entre outros. Cabem ainda os meus sinceros agradecimentos aos professores Cícero Pedroza e Camila Matos que fizeram parte da banca e contribuíram com suas participações e palavras em um momento tão especial.

A Todos, o meu muito obrigado e um abraço fraterno com todo o carinho e dedicação, e com a certeza de que valeu a pena conhecer cada um de vocês e ter convivido várias experiências e momentos únicos que ficarão eternizados nas nossas memórias.

. É o momento de olhar para trás e ver que valeu a pena cada noite de sono que muitas vezes perdemos e as viagens distantes cerca de 70 km. Tudo isso contribuiu de alguma forma para valorizarmos essa formação que chega ao fim, mesmo que apenas uma etapa de outras tantas que estão por vir. Que Deus nos abençoe e possamos alcançar nossos objetivos e realizar sonhos.

Cabe ainda um registro especial nesses agradecimentos, a minha galera do ônibus, onde muitas viagens foram tão animadas, outras nem tanto quando os companheiros de luta estavam cansados e dormiam durante a viagem. Entre os quais estão Israel, que além de pedagogo hoje formado era o motorista do ônibus na época, Sérgio, Vanderléia, Alessandro, Layse, Rafael, Roberto (meu irmão), Katiana, Fernando (IFPB) entre outros.